



## **REDES SOCIAIS, SUBJETIVAÇÃO E SEXUALIDADE – UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADE, GÊNERO NA VIDA VIRTUAL.**

Autora Nayara Dias Scrimim

*Universidade Estadual de Campinas.*

Email: [nayarascrimim@hotmail.com](mailto:nayarascrimim@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho busca refletir sobre o uso das redes sociais enquanto formas de subjetivação na contemporaneidade. Considerando que vivemos em um mundo rodeado dessas tecnologias, buscaremos refletir sobre a importância delas em nosso modo de nos relacionar com a nossa sexualidade. Para tanto, nos utilizaremos dos conceitos de subjetivação, corpos dóceis e sociedade disciplinar presentes na obra do filósofo Michel Foucault.

**Palavras-chave:** Subjetivação; Redes Sociais; Michel Foucault.

### **INTRODUÇÃO**

Atraindo mais de 1,5 bilhões de pessoas em todo o mundo, elas transformaram nossa forma de nos relacionar, escrever, viajar, buscar informações, programar eventos, denunciar, votar, comprar... Enfim, as redes sociais vieram para ficar, tornando-se inerentes aos sujeitos deste tempo. Por esse motivo, tomaremos esta tecnologia como objeto deste artigo a fim de refletir sobre seus efeitos na constituição dos sujeitos e de sua sexualidade.

Por meio dos conceitos de subjetivação, docilização e mecanismo de poder presentes no livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, procuraremos estabelecer relação com essas mídias, como sendo o local em que as pessoas se constituem enquanto ser, pois ali, certos discursos são produzidos ajudando a formatando modos de se

comportar e de ser . Por fim, pretendemos refletir se as redes sociais podem ser consideradas uma ferramenta a ser utilizada para possibilitar a mudança de perspectiva de nossa sociedade em relação à alguns preconceitos ainda existentes no que se refere à questões de gênero.

Apesar de Michel Foucault ter nascido antes do auge de certas ferramentas tecnológicas presentes em nosso tempo, tais como: internet, smartphones, redes sociais e aplicativos de todos os tipos, seu pensamento no que diz respeito à sociedade de controle e subjetivação nos ajudam a refletir sobre elas.



## Redes Sociais enquanto subjetivação

Em seu livro *Vigiar e Punir*, Michel Foucault analisa como os métodos de disciplinar os corpos constituem relações de poder. Para preservarem o controle sobre os indivíduos é preciso que certas instituições apliquem técnicas de docilização de corpos, deixando-os aptos a desempenharem funções sociais específicas dentro das instituições.

Os corpos são modelados pelas instituições: família, escola, quartel, fábrica, hospital, prisão. A disciplina atua por meio de padrões que são consonantes aos interesses políticos e econômicos. Tanto na escola como na prisão os corpos são controlados através do tempo, de regras e, se necessário, são punidos. Para tanto, cada instituição emprega suas técnicas para aquilo que não constitui somente em disciplinar os corpos, mas também em adestrá-los:

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil

se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si<sup>1</sup>”.

Nesta perspectiva, podemos dizer que essas redes seriam novos mecanismos de poder que se baseiam em novas táticas de controle e reprodução dos costumes, remetendo-nos a uma nova maneira de tirania, a virtual. Esses mecanismos produzem subjetividades, ou seja, refere-se a formas de constituição do sujeito e a obra de Foucault aponta diferentes maneiras de subjetivação que sofrem as mais variadas transformações ao longo da história.

Por meio de seus smartphones as pessoas declaram em seus perfis o que estão fazendo, quem são suas companhias, quais

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, 1987, p. 29.



lugares frequentam, como estão se sentindo, o que estão ouvindo, os vídeos que visualizaram, as notícias que leram, etc. Uma infinidade de informações sobre o cotidiano são despejados nas redes sociais diariamente.

Há um enorme fetiche em relação a essas mídias por causa dessa democrática exposição de si que elas proporcionam, pois nas redes sociais não é preciso ser uma celebridade ou exercer algum cargo de poder para ter seguidores lisonjeadores na vida virtual, basta um *post* interessante ou uma bela *selfie*. Desse modo, busca-se seduzir seus seguidores por meio da imagem que se vende nas redes.

Podemos ver inúmeros exemplo de como essas tecnologias tornaram-se prateleiras em nossa sociedade, há redes sociais que tem o intuito de expor opiniões e informações, fazer e reunir amigos, buscar uma oportunidade no mercado de trabalho, oferecer caronas e, por que não encontrar umx parceirx amoroso?!

### **Sexualidade em meio à vida Virtual**

As redes sociais transformaram nossa sexualidade, uma vez que por meio delas, se pode conhecer possíveis novos parceirxs, compartilhar o status dos nossos relacionamentos, discutir e denunciar questões de gênero presentes em nosso

cotidiano (como machismo, homofobia, assédio, propagandas abusivas, etc.).

Segundo Foucault, a sexualidade também está atrelada aos mecanismos de poder: “a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício” (FOUCAULT, 1984 p. 246). A seguir, veremos algumas redes sociais que tem o intuito de promover o encontro de pessoas que buscam se relacionar com outras a fim de encontrar um namoro, ou algo do tipo.

Possuindo atualmente 50 milhões de usuários<sup>2</sup>, o aplicativo *Tinder*, tem como proposta ‘conectar’ pessoas geograficamente próximas, as quais buscam alguém para conversar, sair e até mesmo namorar. O *Tinder* é como um catálogo de pessoas na palma da mão que oferece três opções de interação: um X (‘nope’, ou ‘não curti’), um coração (‘like’, ou ‘curti’), ambas de modo anônimo e, já a última forma de interação, é uma estrela (‘super like’, essa opção avisa a pessoa que você a ‘curtiu muito’), quando ocorre o chamado “*match*”, ou seja, quando as duas pessoas se interessam pela imagem uma da outra eles podem começar a conversar

---

<sup>2</sup> Disponível em:  
[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.tinder&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.tinder&hl=pt_BR)



através do aplicativo e quem sabe combinar um encontro físico.

O que está em questão em tal ferramenta é a praticidade com a qual se julga alguém pela imagem que criada em seu perfil, sendo muito levada em consideração a aparência física dessa pessoa que será digna de um 'like' ou de um 'não like'. Sendo assim, essas redes sociais, tornaram-se um tribunal em que se julga quem é belo, interessante e atraente, obviamente afastando e descartando aqueles que não o são.

Refletindo a partir dos escritos de Foucault no que se refere ao controle dos corpos, ou, em outras palavras “corpos dóceis”, por meio dessa vitrine chamada redes sociais passamos a valorizar a aparência dos corpos, a vigiar, ou melhor, a ser seguidores/amigos uns dos outros graças aos mecanismos exigidos e tidos como verdadeiros pelo poder disciplinar que faz do uso desses atributos, veículos de formação para controlar a sociedade, nas palavras de Foucault:

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’.<sup>3</sup>”

<sup>3</sup> IDEM, pg. 164.

O corpo vai sendo se tornando dócil pelo poder, através de várias técnicas de dominação. As relações de força agem e agiram desde sempre, mas com a modernidade o corpo passa a ser dividido, separado, medido, investigado em cada detalhe.

E como qualquer produto de produção em massa, o corpo humano passa por vários estágios até estar acabado: família, escola, faculdade, escritório, fábrica e também por meio das redes sociais, nas palavras de Foucault: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”(FOUCAULT, M. Vigiar e punir, p. 126).

Uma outra opção de rede social bastante curiosa, pois atua de modo a estabelecer uma relação de consumo na paquera é o site e aplicativo AdoteUmCara que funciona como uma loja virtual, com cerca de 12 milhões de usuários. Focada em atender, por enquanto, apenas o público heterossexual, o diferencial dessa rede social é que para iniciar a conversa, as mulheres, que são consideradas *clientes*, colocam os homens, chamados de *produtos*, nos *carrinhos* de compras. Vale dizer, que as outras *clientes* que trocam mensagens com o *produto* que você está de olho são chamadas de *rivals*.



Não é preciso dizer que essa rede social, assim como outras que promovem essa ‘venda’ imagética dos *perfis* de seus usuários, mesmo que implicitamente, promovem a ideia de relações humanas reificadas, uma vez que transforma as pessoas em consumidoras, concorrentes e coisas, ou nas palavras do site em produtos (vide figura 1).



Figura 1: Página Login Inicial Loja AdoteUmCara. Acesso em: 24 de Maio de 2016.

Para além de coisificar as relações, essas redes sociais influenciam no modo como essas pessoas enxergam umas às outras e a si mesmas, como já dissemos, são uma forma de estabelecer comportamentos, uma vez que seus usuários, tem que se comportar postando fotos e mensagens com as outras obedecendo aos padrões de beleza, consumo e até mesmo de ser e, por isso, uma constituição

de subjetividade. Nesse sentido, concordamos com Luciene Maria Bastos quando defende que as transformações objetivas históricas do modo de produção interferem no processo de subjetividade:

As relações humanas se perdem e passam a ser mediadas pelas leis do mercado. O que existe é a relação entre mercadorias, coisas. O fetiche e a coisificação atingem o indivíduo para além da objetividade, pois atuam em sua subjetividade<sup>4</sup>.

Porém, segundo o AdoteUmCara, seu *modus operandi* contribui para o empoderamento feminino. Segundo sua propaganda institucional, o app

tem o intuito de ser o primeiro a:

Inverter os papéis tradicionais no jogo da sedução e assegurar às mulheres o poder da escolha. Na plataforma de relacionamento é a mulher que dá o primeiro passo e decide quem pode falar com ela.

Os códigos tradicionais de sedução sempre colocaram a mulher em um papel

<sup>4</sup> BASTOS, 2007, p.206



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

passivo no jogo da conquista. O AdoteUmCara acaba com esses códigos e inverte essa relação. Porque em 2016, uma mulher que dá o primeiro passo não pode mais ser considerada “fácil”<sup>5</sup>.

Segundo a descrição institucional da plataforma, o intuito é o de inverter os papéis tradicionais da conquista de forma divertida e descolada, mas as questões que gostaríamos de deixar para reflexão são as seguintes: Será que a única maneira de combater a objetificação que historicamente as mulheres sofreram (e sofrem) é promovendo a objetificação daqueles que nos objetificaram? Devemos abandonar esses aplicativos desses mecanismos de poder ou ignorar que eles nos fazem comportar desta ou daquela maneira?

### **Discussões e Considerações preliminares.**

Ao longo deste trabalho buscamos trazer à luz a discussão sobre algo bastante presente em nossos dias: as redes sociais. Entendemos que essas tecnologias são mais do que um simples veículo para troca de informações, são também, um meio para a formação de identidade, ou seja, subjetivação. Por meio destes mecanismos de poder, são estabelecidos novos comportamentos, corpos são manipulados e sujeitos são constituídos, podendo, assim, ser caracterizar essas redes como novas formas de subjetivação.

Estas tecnologias que atraem milhões de usuários obedecem às relações de poder de nosso tempo e, na forma de entretenimento invadem nossas mentes e corpos, nos formatando segundo os interesses econômicos e políticos.

Como visto, alguns aplicativos são diretamente utilizados a fim de exercer nossa sexualidade, mas na verdade, mesmo a nossa sexualidade é permeada por relações de poder. Esses aplicativos da internet, modelam nossos comportamentos, quando postamos e compartilhamos os mais diversos conteúdos em nossas páginas.

Buscamos, com isso, refletir sobre os usos dessas tecnologias e, por fim, deixamos a questão para ser debatida e aprofundada em outros momentos: uma vez que essas redes sociodigitais modelam sujeitos do nosso tempo, não seriam elas também um lugar para se dialogar e propor novas formas de vida? De quais maneiras podemos agir para usá-las de modo transgressor?

### **REFERÊNCIAS**

- BASTOS, L. M. “Subjetividade e Coisificação: Um Estudo Introdutório”. In: Linhas Críticas, Brasília, v. 13, n. 25, p. 203-218, jul./dez. 2007.
- FOUCAULT, M. “Microfísica do poder” . 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

<sup>5</sup> 2016, AdoteUmCara, Propaganda Institucional.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

\_\_\_\_\_. “Vigiar e punir: nascimento da prisão”. Petrópolis, Vozes, 1987.

SCRIMIM, N. D. & FRANÇA, L. L. S. Vigiar e Curtir: Uma Análise Foucaultiana das Redes Sociais na Sociedade do Espetáculo. Anais do (1º) Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos, v.1, p. 754-762, Paraíba-PB, 2014. (ISSN 2358-5730). Link: <http://www.cchla.ufpb.br/ocs-2.3.6/index.php/estudosfoucaultianos/estudosfoucaultianos/paper/view/40/45>

